

Oficina de Reportagem

Outra Pauta

Segunda-feira, 15/12/2008 - Paraná
Ed. 35 / Ano 1 / Turma 2

ENTRE O DESCANSO E O YÔGA

RELAXAR JUNCA PARECEU TÃO CANSATIVO

Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

"Faça Yôga antes que você precise." Mestre DeRose

A água vem com toda força esmagando tudo o que há pela frente. Tem apenas um propósito. Ao entrar pela tubulação sua força se concentra e acerta a turbina com toda tremenda fúria...a turbina completa o trabalho. Está nascendo à energia elétrica.

Energia...

Não é para isso que serve o descanso? Repor forças?

A reunião de pauta desse caderno foi feita, como que por adivinhação, em um ambiente mais arejado e fresco com uma bela garrafa de Coca-Cola acompanhando. O assunto do caderno? Descanso....

Sim, está chegando o final de ano e geralmente nessa época é que se tiram férias, já é meio que um costume, pelo menos aqui no ocidente. E férias significam DESCANSO! Mas como falaríamos de descanso e férias sem colocar aquela viagem à praia, que você tanto queria e talvez não possa ir, como título principal? O jeito foi procurar maneiras de descansar aqui mesmo, ou em outro lugar de modo que trouxéssemos uma opção diferenciada a você, caro leitor!

Com isso em mente pensamos que um de nossos oficinheiros poderia fazer uma aula de Yôga e nos dizer como foi relaxante, ou não, a experiência. O escolhido para esta árdua empreitada fui eu.

Como sempre tive vontade praticar o Yôga, mais pelos comentários do que por conhecer a prática, aceitei a pauta extremamente empolgado....

Continua p. 2 ►►

EDITORIAL

QUANDO MENOS É MAIS

Saber parar também é algo difícil de aprender. Para que as palavras não percam o contraste sobre o fundo da realidade, impõe-se necessidade estética o controle sobre o excesso. No jornalismo uma atitude estoica se impõe desde cedo na formação de quem não pode se permitir a mera tagarelice. Existem ressonâncias muito profundas quanto aos aspectos formais do jornalismo como prática discursiva e a estética do minimalismo – movimento no campo das artes que marca a produção dos últimos 50 anos no ocidente.

Ambos convergem em sua estrutura formal, portanto, estabelecer relações entre essas duas paisagens aparentemente distantes é um exercício que sugere possibilidades de um deslocamento quanto ao senso comum mediante o qual se concebe principalmente o jornalismo como atividade.

O minimalismo como movimento estético teve sua mais expressiva concretização no campo da música e das artes visuais. Nasceu de uma atitude crítica para com a banalização das formas produzidas em série que passam a prevalecer no mundo a partir da Revolução Industrial, uma estética com valor crítico é a que consegue reinjetar na serialização a

produção de um sentido que se co-

loque como diferença.

Ao invés de se deixar apenhar pelas armadilhas de uma diferença despotencializada pela redundância do mercado, os minimalistas vão lançar sobre o mundo um olhar de lupa para ampliar os universos dos detalhes. A repetição passa a ser uma forma de expressão, um enunciado a partir do qual se tornam possíveis os conteúdos que possam se afirmar como diferença. Esgotar o excesso da banalização pelo seu próprio peso é expor os agenciamentos moleculares que tornam a vida da linguagem encarcerada nos clichês.

O despojamento zen que está na metáfora com a qual se explica a arte marcial do judô, cujo símbolo é a árvore do salgueiro: quando a neve impõe seu peso sobre os galhos, o salgueiro não oferece

resistência, mas usa o próprio peso daquilo que o oprime para vencer a neve que assim não consegue se acumular nos galhos que traduzem sua oposição em flexibilidade. O minimalismo não tenta negar a condição imposta historicamente pela sociedade industrial, mas dialogar com o não sentido até que de seu excesso se arranque um significado.

No jornalismo não é muito diferente para quem não se sente confortável com a prosódia de formulário à qual as redações foram subjugadas. Não uma oposição frontal e acirrada, mas flexibilidade e equilíbrio. Jamais o excesso e os perigos da estetização do texto jornalístico, mas uma atitude que consegue encontrar em si mesma essa justa forma pela qual um acontecimento consegue contagiar a linguagem que tenta representá-lo. Na penúltima edição dessa segunda turma da oficina, um momento para se considerar como pauta o próprio descanso. Boa leitura.

O DIA D

Havia sido um dia quente, abafado, como tantos outros ultimamente. Em seu final eu não queria sair de casa para nada e já tinha vindo do trabalho reclamando que queria não ter que fazer a matéria sobre descanso naquele dia. Para ajudar não tinha uma pilha carregada na máquina digital. No fim eu consegui outra emprestada. Pegu uma carona até a academia e chego às 19 horas e 03 minutos.

O que encontro no lugar que aqui vou chamar de academia foi um grupo modesto, porém muito simpático e bonito, de quatro pessoas mais o instrutor.

Nota pessoal: antes de fazer a matéria eu procurei pesquisar o menos possível sobre o que iria fazer. Assim minhas percepções seriam dignas de alguém que realmente quer fazer algo que sempre ouviu falar que era bom, mas não sabe nada a respeito. Isso costuma ocorrer cotidianamente, trazer minhas impressões para o texto daria verossimilhança ao fato.

Todos os que já estavam lá pareciam muito dispostos. Eu, por outro lado, estava muito ansioso, não somente por não saber direito o que ia acontecer na aula, mas também porque sou o que as pessoas definem de sedentário e não tinha conhecimento se o esforço físico seria muito grande.

Já no início da prática o instrutor falou como devíamos exercitar nossa respiração. Até então, talvez por causa da correria do dia-a-dia, eu jamais imaginei que viveríamos melhor se respirássemos mais tranquila e profundamente. ...prende o ar... solta o ar...prende o...solt... não. Realmente sinto que além de sedentário eu não estou conseguindo me desligar do meu dia, meus problemas, já estou suando um monte e estou bastante tenso, minha vontade é de levantar e dizer que vou tirar umas fotos, só pra fugir do exercício. Forço-me a ficar, "se vim até aqui não vou desistir", penso.

Lembro-me de achar na *internet* uma frase de DeRose, brasileiro considerado o mestre do Swásthya Yôga, modalidade que estou praticando, que encaixava instantaneamente a minha situação, ela dizia assim: "O Yôga é uma filosofia perfeita exercida por pessoas imperfeitas."

Refletindo sobre essa frase resolvi continuar. Os minutos que se seguiram passaram do desespero, por achar que não era possível conseguir, à astúcia, imaginei que tudo podia, era apenas uma questão de determinação.

A partir do momento em que resolvi curtir a aula e depois pensar o que escreveria na matéria, tudo fluiu.

Uma frase que o instrutor Alison Mechior falou a mim no momento em que subíamos ao tatame no andar superior para praticar é importante para que se compreenda o fundamento do Yôga. "Se você pensa que vai relaxar está bem enganado, você não vai relaxar. Vai se energizar. Realmente eu me enchi de energia e disposição depois de terminada a hora de prática.

Mas a matéria não é sobre descanso? Sim, é verdade, a prática do Yôga não me descansou, mas me animou como se eu já tivesse descansado.

Com a prática constante do Yôga você aprende a gerenciar melhor o seu estresse e melhora a concentração, o humor, coisas fundamentais na sua vida. Uma delas com certeza será o equilíbrio corporal e força muscular. Esse não é o objetivo principal do Yôga, mas vem como um bônus.

NÃO COMETA ERROS

Para você não cometer o mesmo erro que eu e outras várias pessoas ao buscar algo que ouviram falar pesquise sobre o que você vai fazer.

O Yôga tem origens indianas de acordo com alguns registros já era praticado há 4000 anos. Yôga significa, de acordo com a enciclopédia livre, o *Wikipedia*, união do ser humano com sua essência, o *purusha*.

O Swásthya Yôga é considerado um dos métodos mais próximo ao seu ancestral. Desenvolvido pelo professor carioca Luís Sérgio DeRose com base nos fundamentos na raiz do Yôga milenar ele é anterior a divindades por isso não cultua nenhuma deus, apesar de muitas vezes ser e levar imagens de deuses indianos em suas propagandas. O método "exige prática. Você pode ler quantos livros de Yôga quiser e puder, se não praticar nunca vai sentir os resultados em sua vida" comenta o instrutor Alison. O próprio Mestre DeRose, no seu livro *Tratado de Yôga* (Ed. Nobel/2008), comenta que o "Yôga é qualquer metodologia estritamente prática que conduza ao *samádhi*" (estado de hiperconsciência, megalucidez).

Em Cascavel existem entre seis e sete lugares que oferecem Yôga. Nem todos fazem uso do mesmo método, por isso é necessário ficar alerta, para saber quais as diferenças entre eles e não fazer nada que não goste.

O preço da aula também varia entre um local e outro. No local onde pratiquei o preço gira em torno de R\$100,00 duas vezes por semana. Mas o resultado de energia corporal e bem estar no final compensam o gasto.

Para saber um pouco mais entre no site www.uni_yoga.org.br

No final da aula mantendo a mão bem unidas desejamos aos companheiros tudo o que o Yôga Swasthya significa: saúde do corpo e da mente.

Que descansar o quê? Vai praticar Yôga! ☐

12 HORAS A MAIS

GARÇOM, UMA VIDA COM GELO, POR FAVOR!

Bruna Hissae/ Oficineira Turma 1
(Jornalismo - UNIPAR)

- Um momento! Preciso de alguns minutos para começar a relaxar. Inspira, expira. Relaxe o corpo, pense que você está em um lugar agradável. Agora se concentre! Pronto, você agora pode descansar.

Não! É claro que não é assim que você passa os horários de folga. Em um simples momento, os instantes que deveriam ser dedicados a você se esvaem, passam como horas aceleradas em um relógio de parede. Quando nos damos conta, a manhã já acabou, a tarde se foi e ufa, já é final de semana. O pior de tudo é quando a vida cai na rotina.

Dona Arlete Simoni há oito anos tem as manhãs, tardes e noites iguais. Ela acordá às seis horas da manhã, prepara a marmitta, veste o uniforme e caminha durante vinte minutos até a estação. Pontualmente às 7h14 o trem pára no mesmo lugar para apanhar as mesmas pessoas e deixar tantas outras.

Trabalha das oito da manhã às oito horas da noite em uma jornada cansativa, na qual se sentar é proibido. Lá, onde ela trabalha, tudo é parecido com o trabalho escravo. Claro que sem as chicotadas, tronco e senzala, mas um ou outro capataz, a mando do chefe, sempre está de olho.

É assim a vida de quem trabalha no Japão. Esse texto, caro leitor, tem vários objetivos: Primeiro, mostrar que dinheiro não nasce em árvore em lugar nenhum do mundo. Segundo, mostrar que para se ganhar qualquer coisa nessa vida é preciso "ralar". E por último mostrar que o pouco tempo que resta para descansar nem sempre é o suficiente para colocar a mente e o corpo no eixo.

"Quando eu estou descansando ou relaxando eu não vejo o tempo passar. Me distraio com qualquer coisa e o tempo voa, já que estou fazendo algo que me dá prazer. Já quando estou trabalhando, fico pensando na dor das pernas e no quanto sofro, aí o tempo passa mais devagar", afirma Arlete.

Mas quem disse que só o cansaço físico é perturbador? Quando a mente não tem folga, o resto do corpo sofre também.

Com toda essa crise a gente cansa a cabeça demais, ficamos estressados, ficamos pensando o dia inteiro nas contas. São muitas as incertezas, e isso dá medo. Os pensamentos são horríveis. Quando se consegue dormir a mente descansa, mas às vezes nem isso é possível, e daí o corpo padecer.

E para descansar, nada melhor do que fazer algo que gostamos. Isso quando entre as opções está incluída alguma que nos agrada. Thalíce Ito é uma quase adulta, ou seja, ainda está naquela fase adolescente-adulta, e não saber ao certo o que fazer (como se fosse só nessa fase em que não sabemos). São dúvidas sobre o trabalho, dúvidas sobre a car-

reira que quer seguir. Sempre há alguma coisa para se ocupar. Serviço de casa, trabalho fora dele. Atenção para o namorado e para as amigas que moram longe. Pode parecer nada, mas quando se tem a vida cheia de pequenos detalhes o tempo não é relativamente proporcional as necessidades de cada um.

"Se eu tivesse mais tempo eu queria viajar com os meus pais. Passar mais tempo com o namorado e poder ficar horas falando com as minhas amigas! Mas para isso meu dia teria que ter 36 horas, talvez", confessou Thalíce.

Seria errado dizer que não existe descanso?

As pessoas não conseguem dormir pensando nas finanças. Outros precisam de mais tempo para diversão, o que resumidamente não significa descanso. Já eu caro leitor, queria um dia todo para assistir os programas de TV que mais me agradam, ou escutar uma linda música perto de uma montanha, comendo salgadinho e bebendo refrigerante sem me preocupar com a saúde e com as contas. Sem querer saber o que acontece com o mundo. Como na famosa frase "quero sombra e água fresca".

O meu corpo está cansado de não fazer nada, mas minha mente precisa de férias urgentemente. ☐

Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

"No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás"
Gênesis 3:19

Conversas paralelas:

- Até que enfim chegou o fim de semana. E amanhã não vou trabalhar.

- Nem eu.

- Ainda mais que a nossa hora está pra chegar.

- Que natal! Isso é normal!

A conversa acima ouvi em uma sexta-feira. Bem estranho, na semana que preciso cumprir uma pauta sobre descanso, ouço duas senhoras a conversar sobre isso, no ônibus do transporte público, e ainda, em alto e bom som. Isso assusta. Pois não se trata de um simples descansar de fim de semana, mas sim de um último descanso: A morte.

E eu fico a imaginar... Como o povo pensa na morte? Algo tão natural. Que ninguém vai escapar, nem brancos, negros, pardos, todos estamos nessa lista. Porém, esse é um descanso não programado. Alguém gostaria de ter um último descanso? Eu não. As senhoras ainda comentaram sobre programar a morte. Uma disse que queria programar a própria morte, e a outra devolve dizendo se pudéssemos programar ninguém ia querer morrer. Porém não adianta, como o imaginário social ilustra, uma hora chega a dama de preto, com capuz e uma foice na mão, sem nos avisar.

E todos pensam no descanso de fim de semana, de fim de ano. As férias surgem como dias de descanso para uns, e de mais trabalhos para outros. Mas, muitas vezes esquecemos que um descanso eterno um dia irá chegar, ou será que tentamos esquecer? Dá medo em alguns e em outros é natural. "Tenho medo. É ruim pensar que você não vai mais acordar, não vai mais ver as pessoas que você gosta, não vai poder fazer o que sempre faz, tenho uma sensação ruim quando penso nisso", foi o que disse a jornalista Mabieli Drey, ao ser questionada sobre um último descanso.

E quem trabalha para cuidar do descanso eterno de outros, será que essa

Há também quem queira férias mais zen. Para aqueles que procuram descansar, existem possibilidades de banhos e massagens que podem cuidar tanto da parte corporal (muscular) como também da parte mental.

*Toda noite ela diz
Pr'eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
E me aberta pr'eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor...*

A tecnóloga em estética Claudia Sayuri Sato aponta algumas massagens que podem ajudar para aliviar as tensões do dia-a-dia, ou até mesmo podem ser feitas nas férias, para quem p r o -

O ÚLTIMO

DESCANSO NÃO PROGRAMADO

uma pessoa tem medo de algo, acredita em fantasmas, espíritos? O coveiro Elizeu da Silva, com 45 anos de idade e cinco de profissão, diz que não acredita em fantasmas ou espíritos. "Eu acredito em Deus".

Perguntei ao Seu Elizeu se ele tem medo de morrer. "Tô sossegado, chegou a hora não adianta". E sobre ter pesadelo, perguntei ao seu Elizeu se ele tem muito pesadelos, por trabalhar como coveiro. Ele respondeu que nunca teve, mas ressaltou algo importante: "A única coisa que fica na mente da gente é quando fazemos sepultamente de criança né, aí a gente pensa nos filhos, nos netos então é meio complicado".

Toda profissão exercida esconde uma trajetória, uma história por trás si. Seu Elizeu contou a dele: "É um caso complicado, eu trabalhava como vigilante numa emissora de televisão, não tinha nada a ver com coveiro. Aí eu vim para Cascavel, tava uma crise danada, um amigo meu falou pra eu fazer o concurso para coveiro. Primeiro que eu não gostava nem do cheiro da flor, mas fiz o concurso. Passei em primeiro lugar, me chamaram, daí tive que ir né, e estou até hoje".

É sempre assim, um zelo pelo bem estar do outro. E um descanso é sempre necessário. Seja o descanso na hora do almoço de cada dia, no fim de semana ou um último descanso. Para alguns a morte se torna o primeiro descanso real, depois de anos vividos com muita correria contra o relógio, ou o relógio contra a gente em uma verdadeira maratona. A maratona diária de uma vida agitada que a maioria tem. Mas isso não importa, o que importa é que um dia teremos esse descanso. Por mais triste que seja. Pois o ditado diz que: não vamos ficar para semente. Se bem que eu queria. ☐

cotidiano se torna cansativo e estressante, por mais calmo que ele seja a rotina traz cansaço. Chega um período do ano em que o corpo suplica por férias. O cansaço físico e mental acumulado, pode até ocasionar doenças ocupacionais, por isso a melhor prevenção é o condicionamento do corpo, o descanso.

As aulas acabaram, chegaram as férias do trabalho, mas e o que fazer nesses dias de tanta folga? Para aqueles que não conseguem ficar parados, uma boa dica é fazer cursos, afinal estar atualizado é estar um passo à frente dos concorrentes, além de agregar conhecimento, é claro. Mas deve-se lembrar também que férias é tempo destinado para o descanso, tanto do corpo, como da mente, por isso nada de exagerar. O organismo precisa desse tão precioso tempinho para se revigorar, é um período importante também para a saúde. O ideal é estruturar bem o tempo "livre", nem que sejam apenas dez dias, aproveitando para adiantar ou fazer tarefas pendentes, ou até mesmo para realizar atividades que são adiadas durante o ano.

*Seis da tarde
Como era de se esperar
Ela pega
E me espera no portão
Diz que está muito louca
Prá beijar
E me beija com a boca
De paixão...*

cura o descanso. Não há um número fixo de banhos ou massagens, isso dependerá de como cada paciente se sente. As contra-indicações são para pessoas em estado febril ou com câncer, pois com as massagens pode haver a disseminação da patologia por todo o corpo.

Massagem relaxante: Ela é feita em toda a extensão do corpo, dos pés à cabeça, com o auxílio de óleos essenciais, em um movimento de deslizamento. Aumenta a circulação sanguínea e há a liberação deendorfina (sensação de euforia e bem-estar) A pessoa tem a sensação de estar mais relaxada e a mente também acompanha o processo. Pode ser feita uma vez por semana.

Banho de Ofurô: Compreende três tipos de banhos diversos:

Banho de chocolate – Mais indicado para pele seca, e tem a função de acalmar;

Banho de vinho – É caracterizado como um banho estimulante;

Banho de ervas – Dependendo da erva escolhida por relaxar ou estimular.

Quick massage – Também é chamada de *massagem express*. É uma massagem rápida que pode ser aplicada em 15 minutos. Nesta massagem trabalha-se o dorso e o crânio, é indicada para aliviar tensões musculares, pois proporciona o relaxamento muscular.

Shiatsu – É uma massagem realizada com a polpa dos polegares, trabalhando os pontos da acupuntura, os meridianos do corpo. Visa alcançar o equilíbrio. Não é muito indicada para quem sente dores musculares ou para relaxamento, é mais indicada para o equilíbrio geral do corpo.

Auto-massagem – Há livros que indicam como a auto-massagem deve ser feita, as formas de movimentação, podendo utilizar até mesmo óleos essenciais.

Alongamentos também são recomendados, podendo ser feitos toda manhã antes de qualquer atividade. Se tiver banheira em casa, banhos com sais, ervas e óleos também são benéficos. Deve-se ficar atento aos tipos de componentes que deseja misturar à água, pois há produtos, como as ervas, que possuem variações: alguns estimulam e outros relaxam. Além disso, a temperatura da água também influencia, pois se a água estiver com uma temperatura muito elevada a pressão pode cair, o ideal é de 35 a 38 graus.

Aproveite as dicas e boas férias! ☐

Para você não cometer o mesmo erro que eu e outras várias pessoas ao buscar algo que ouviram falar pesquise sobre o que você vai fazer.

O Yôga tem origens indianas de acordo com alguns registros já era praticado há 4000 anos. Yôga significa, de acordo com a enciclopédia livre, o *Wikipedia*, união do ser humano com sua essência, o *purusha*.

O Swásthya Yôga é considerado um dos métodos mais próximo ao seu ancestral. Desenvolvido pelo professor carioca Luís Sérgio DeRose com base nos fundamentos na raiz do Yôga milenar ele é anterior a divindades por isso não cultua nenhuma deus, apesar de muitas vezes ser e levar imagens de deuses indianos em suas propagandas. O método "exige prática. Você pode ler quantos livros de Yôga quiser e puder, se não praticar nunca vai sentir os resultados em sua vida" comenta o instrutor Alison. O próprio Mestre DeRose, no seu livro *Tratado de Yôga* (Ed. Nobel/2008), comenta que o "Yôga é qualquer metodologia estritamente prática que conduza ao *samádhi*" (estado de hiperconsciência, megalucidez).

Em Cascavel existem entre seis e sete lugares que oferecem Yôga. Nem todos fazem uso do mesmo método, por isso é necessário ficar alerta, para saber quais as diferenças entre eles e não fazer nada que não goste.

O preço da aula também varia entre um local e outro. No local onde pratiquei o preço gira em torno de R\$100,00 duas vezes por semana. Mas o resultado de energia corporal e bem estar no final compensam o gasto.

Para saber um pouco mais entre no site www.uni_yoga.org.br

No final da aula mantendo a mão bem unidas desejamos aos companheiros tudo o que o Yôga Swasthya significa: saúde do corpo e da mente.

Que descansar o quê? Vai praticar Yôga! ☐

Patch
Work

"A ruptura não está entre a ficção e a realidade, mas no novo modo de narrativa que as afeta".
GILLES DELEUZE EM, "A IMAGEM-TEMPO".

"O cinema não apresenta apenas imagens. Ele as cerca com um mundo".
GILLES DELEUZE EM, "A IMAGEM-TEMPO".

"Os intervalos (passagens de um movimento para outro), e nunca os próprios movimentos, constituem o material (elementos da arte do movimento). São eles (os intervalos) que conduzem a ação para o desdobramento cinético. A organização do movimento é a organização de seus elementos, isto é, dos intervalos na frase. Distingue-se, em cada frase, a ascensão, o ponto culminante e a queda do movimento (que se manifesta nesse ou naquele nível). Uma obra é feita de frases, tanto quanto estas últimas são feitas de intervalos de movimentos".

DZIGA VERTOV, CINEASTA SOVIÉTICO.

"Num mundo estatificado, estandardizado, edificado sob a horizontalidade refrigerante (e tranqüilizante) de um racionalismo manualesco, que reduz toda a riqueza ontológica do real à linearidade mecanicista de fórmulas absolutas, de reduções puramente quantitativas, de esquemas abstratos de generalidade, de categorias lógico-rationais a noção (ou nação) de fábula, de fantástico, de trágico se faz impossível, impraticável, incogitável. Ora, o real é dialético, e o dialético é todo o contrário do mecânico, do esquemático, do linear. O dialético é complexo, o espiralico, o circun giratório, em suma, o irreduzível. Daí a reação de não-conformismo diante deste estado de coisas por parte daqueles que tanto da vida quanto da arte exigem uma total reconceitualização, reformulação".

LÉLIO SOTTO MAIOR JÚNIOR, CRÍTICO PARANAENSE, EM "CINEMATÓGRAPHO".

"Outras são aí as passagens. Passagens desautomatizantes, inexploradas, inesperadas, imprevisas e, às vezes, explosivas... A imagem é anterior à palavra. Quem cria a imagem é a luz, que precisa de um corpo que a espelhe. O que organiza a imagem é a sombra e a cor. Cor e sombra são música".

JULIO BRESSAN, EM "ALGUNS".

"Só há provavelmente pensamento sólido – como de resto obra sólida de qualquer gênero, seja comédia ou ópera-bufa – no registro do implacável e do desespero (desespero pelo qual não entendo uma disposição de espírito voltada para a melancolia, mas, longe disso, uma disposição absolutamente refratária a tudo o que se assemelha à esperança ou à expectativa). Tudo o que visa atenuar a crueldade da verdade, as asperidades do real, tem como consequência infalível desacreditar a mais genial das empresas assim como a mais estimável das causas – como prova, por exemplo, o cinema de Charles Chaplin".

CLÉMENT ROSSET EM "PRINCÍPIO DE CRUELDADE".

DE PERDER O JUÍZO

MEU PRAZER É A SUA DOR

Leandro C. Navarro (Jornalismo - UNIVEL)

SINOPSE:

O que pode acontecer quando um rapaz vai ao dentista? Aquele barulho do motorzinho causa pânico até em quem está esperando para ser atendido. A mesa repleta de aparelhos esterilizados. Espaçadores, puxadores e agulhas estrategicamente arrumados sobre um pano azul esterilizados dão à nítida sensação de... tortura? Talvez... E se você for pego de surpresa pelo dentista assassino?

Leandro Navarro achou que aquilo seria o alívio para os freqüentes problemas decorrentes de seus sisos (dentes que nascem na adolescência no final da arcada dentária). Antes de entrar no consultório, avistou uma página de revista que dava nomes aos dentes. Incisivos, caninos, pré-molar, molares, só não viu o siso. Não poderia estar ali, afinal é um dente sem utilidade, a mais. Aquilo o confortou e imaginou sua boca com mais espaço, sem um dente que apertasse a gengiva no fundo da mandíbula.

Impossível não lembrar de um filme que assistiu na televisão aberta sobre um dentista chamado Alan Feinstone, exemplo de profissional que cobrava uma conduta rígida de seus funcionários, amava sua esposa. Até o dia do aniversário de casamento deles, Feinstone chega em casa mais cedo e surpreende sua amada com o rapaz que limpava piscinas. Ele teve um surto e uma fúria assassina o dominou por completo, transformando-o em "o dentista", filme dirigido por Brian Yuzna.

Neste terror, Feinstone aprisiona em seu consultório as suas vítimas, pacientes e funcionários, ninguém está livre dele, que faz de tudo para causar dor e morte nas pessoas. O título do filme é "Meu prazer é a sua dor".

Você não terá mais coragem de ir ao consultório dentário depois de aprender tanto sobre a dor com este filme. A maneira como seus reféns sofrem em suas mãos parecem transpor as telas e se instalar em sua boca.

TEMPO DE DURAÇÃO:

O procedimento cirúrgico durou em torno de 50 minutos. Ele estava anestesiado, a única coisa que sentia era o formigamento na extensão do queixo e a ponta da língua sem sensibilidade. Pensou que poderia ficar ali, deitado naquela cadeira a tarde inteira, longe de seus compromissos e sua rotina. Olhando para o dentista e sua ajudante, olhando os alicates, espaçadores e puxadores esterilizados que entravam e saíam de sua boca.

Escutou um *plim*, era o primeiro dente extraído, jogado na bandeja metálica produzia um som parecido com moedas jogadas em um copo. Sentiu o primeiro alívio. Quinze minutos depois o segundo *plim*. Já não possuía os dois sisos inferiores. E ainda eram 15h da tarde. Melhor impossível.

Mas no filme isso não seria possível. O terror causado nos 91 minutos do filme continuará latente no pensamento dele, como uma ferida pós-cirúrgica, dolorida e cheia de pus. Com tantos filmes de terror e vilões, o Dr. Feinstone está esquecido, podendo fazer vítimas a qualquer momento.

CRÉDITOS FINAIS:

O efeito da anestesia estava acabando, e junto veio aquela terrível sensação de desorientação e dor, mais dor que ele poderia suportar. Andava de um lado para o outro, na farmácia lhe informaram que o remédio prescrito estava em falta, poderia encontrá-lo em uma das filiais, teria que andar mais.

Aquele dentista, aquela cara de bonzinho, roupas brancas, não poderia ser inocente. Causou tanta dor e com certeza dormiria tranqüilo, ao contrário de seu paciente. Não que ele tenha culpa, não tem.

Ao se olhar no espelho pela primeira vez após a consulta, quase não acreditou no tamanho de sua mandíbula. Era enorme. Porém, ao contrário da ficção, na vida real o paciente continua vivo, e capaz de sentir dor. ☞

"Estas frases indicam claramente quanto se ansiava por espetáculos que pudessem ser oferecidos como reprodução do real, e o cinema veio a calhar para encaixar-se nesta linha e para reforçá-la. Outros afirmam que pouco importa que se diga que o cinema reproduz ou não o real, é natural ou artificial, não importa o cinema em si, importa o que dizem os filmes, o seu conteúdo. É pouco relevante que dois filmes sejam sustentados pela impressão de realidade, mas é relevante que um seja contra determinado movimento operário, e outro a favor. Um fuzil é sempre um fuzil, o que é significativo não é o fuzil, mas sim quem o maneja e contra quem é manejado. Nada do que foi dito até agora revela um complô: um burguês vilão que teria resolvido apoderar-se do cinema para dominar os pobres espectadores desprevenidos. Trata-se de processos históricos, difíceis de perceber enquanto estão se desenvolvendo, sempre sujeitos a interpretações ambíguas".

JEAN-CLAUDE BERNARDET EM "O QUE É CINEMA".

"Quando o filme tiver terminado, o público sentirá que atingiu o mesmo nível de coragem e temor na medida em que se envolveu com os desejos de meu herói? Em outras palavras, minha história verdadeiramente tocou e mudou minha platéia? Somente dominando os elementos: personagem, desejo, conflito e coragem é que seu roteiro alcançará uma audiência, a tocará emocionalmente e possivelmente atingirá seus mais profundos níveis de emoção e sentimento".

MICHAEL HAUGE, EM "FUNDAMENTOS DA ARTE DE ESCREVER ROTEIROS PARA CINEMA".

"Com exceção de alguns poucos ensaístas franceses rabugentos, não me lembro de nenhum escritor, músico, pintor que não goste de cinema, todo mundo gosta de cinema. Talvez porque, mesmo tendo por enquanto falhado em tornar-se a Gesamtkunstwerk (obra de arte completa) wagneriana, é a arte que mais se aproxima desse ideal, e talvez, um dia, venha a deixar de ser uma arte apenas híbrida para tornar-se uma arte completa".

RUBEM FONSECA, EM "CINEMA E LITERATURA".

"A aplicação da melhor estratégia de "forjar palavras" é importante, pois o uso de uma linguagem volumosa ou enfadonha ou sem vida contém uma enorme chance de distrair o leitor da história que você está tentando contar. Você deve aprender como usar as palavras da melhor maneira possível, uma vez mais, aplicando pensamentos reais aos processos envolvidos. O que, por exemplo, separa uma sentença interessante de outra enfadonha? Isso não é o mais importante... Um bom escritor pode pegar o assunto mais mundano que existe e torná-lo interessante. É alguma coisa na disposição das palavras que dá significado a toda a estrutura, provocando uma poderosa impressão no leitor".

ALLAN MOORE, EM "COMO ESCREVER HQ'S".